

## O fascínio da cultura medieval na obra de Afonso Lopes Vieira

Justino Mendes de Almeida

Em louvor de um Medievalista – de um grande Medievalista! –, Humberto Baquero Moreno, que contribuição pode dar um pobre filólogo que não quer estar ausente de tão justa homenagem como é a publicação deste volume?

Começo por contar uma pequena história, que me foi muito útil e ainda hoje pode ser útil a alguém. Era eu estudante de Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Coimbra, quando um dia, estimulado pelo brilho das exposições do Prof. Rebelo Gonçalves, nessas inesquecíveis aulas de Língua e Literatura Latina, com o atrevimento que a verdura dos anos justificava, perguntei ao Mestre, numa daquelas caminhadas, para mim tão produtivas, da Faculdade para a Avenida de Dias da Silva, sua residência, o que poderia eu fazer para melhorar o meu português oral e escrito. Resposta imediata: «Leia muito Afonso Lopes Vieira, em prosa e em verso.»

Salutar conselho, de que muito aproveitei, e aproveito. Não foi apenas a beleza da forma e a pureza do estilo que admirei: foi também a temática das obras de Lopes Vieira, e hoje reconheço que fiquei a dever-lhe o culto que ainda mantenho a Gil Vicente e a Camões. E porque não dizê-lo? Essa leitura fez reviver e crescer em mim o amor a Portugal, à sua história, à sua cultura.

Recorro, uma vez mais, a Afonso Lopes Vieira, desta vez para homenagear Humberto Baquero Moreno, nesta hora em que o busto do Poeta, que a devoção municipalista de outro grande Português, Américo Cortez Pinto, fizera colocar no Largo da Rosa, em frente da que foi morada do Poeta e do palácio sede da Academia Portuguesa da História, é deslocado não se sabe para onde. *Sic transit gloria mundi*.

Da admiração existente e do respeito mútuo entre Rebelo Gonçalves e Lopes Vieira há testemunhos irrefragáveis e, de entre estes, o célebre soneto que o Poeta dedicou ao Humanista e que é um dos mais vigorosos, se não o mais vigoroso, louvor da Língua Portuguesa:

Ó Portuguesa Língua, quando um dia  
Floresceste nos rústicos cantares,  
Quem te diria que, por sobre os mares,  
Com tua alma o teu génio cresceria!

Soou na Terra a tua melodia  
E pelo orbe criou nações e lares;  
Com teu ritmo de impulsos e vagares  
Foste laço de povos e harmonia.

Mas, ó Língua sagrada e Mãe gentil,  
Tua glória maior de peregrina  
E missionária donde o génio flui,

Tu a criaste em terra do Brasil,  
Depois que o padre António Vieira ensina  
O seu aluno mais preclaro – Rui!

Pertence a Alfredo Gândara, um estudioso da cultura alemã em Portugal, um pormenorizado trabalho sobre *As Raízes da Obra de Afonso Lopes Vieira*, no qual, pensamos nós, se põe em relevo o gosto de Lopes Vieira pela Idade Média, já nos tempos de estudante em Coimbra, através da reprodução de um episódio, contado por Alberto Costa – o infeliz *Pad-Zé!* -, companheiro de Vieira numa certa estúrdia na cidade do Mondego:

«E, como os do seu cenáculo (*Alberto Costa, Emérico de Alpoim, D. Tomás de Noronha, Alberto Pinheiro Torres, Vicente Pindela, Sebastião Nisa e José Perestrelo*) divertia-se infantilmente, poeticamente, com brincadeiras que punham em alvoroço a Alta – como a desses cavaleiros da Idade Média, «que deliciava o Afonso», segundo as palavras do *Pad-Zé*. É de Alberto Costa a descrição:

«Costumávamos percorrer a cidade, graves e silenciosos, em passo de conspiradores, de espadagão em punho, à *Idade Média*. Além do espadagão, todo o vestuário medieval se resumia às calças erguidas até aos joelhos, a batina pelo avesso, uma toalha branca envolvendo a cabeça e um lençol pendido sobre as costas, arrastando-o solenemente como um manto régio. Do nosso grupo de amigos, os mais amantes do medieval eram o Afonso, o Sebastião Nisa, o José Perestrelo e eu. Atacava-se o viandante, a quem no final se perdoava o sacrilégio de não ajoelhar à passagem da *Idade Média*; os futricas da Alta ameaçados de morte, faziam o acto de contrição, e mulher que vagueasse até tarde era raptada e eleita Deusa dos nossos sonhos! Uma noite de espectáculo da Lucinda Simões, a corte medieval, que resolvera honrar a função com a sua presença, entrou num camarote, arrastando as espadas, e pigarreando em urros de fera. Dado o geral e ruidoso espanto dos civilizados, o comissário da Polícia breve nos batia à porta, a cujo chamamento respondemos de dentro:

Nós não somos do século!  
 Estamos fora das suas leis!  
 Não reconhecemos a sua autoridade!

Os direitos do século prevaleceram, porém, e a *Idade Média* foi coagida a retirar-se, impertérrita, às barbacãs do castelo.»

Alongámos um tanto a descrição, para observar melhor quanto no espírito de Afonso Lopes Vieira, estudante em Coimbra, fervilhava o culto pela Idade Média, mais tarde desabrochado em frutos literários opimos. Falemos, de forma breve, de quatro dessas pérolas medievais.

Seja a primeira *O poema do Cid*, «versão em prosa da gesta castelhana do século XII», com «prólogo» de D. Ramón Menéndez Pidal, exaustivo investigador do mais antigo monumento da literatura espanhola, redigido por volta de 1140 – estava Portugal para nascer, diria Lopes Vieira –, que, com a publicação do «cantar» em 1898-1900, inaugura uma nova era dos estudos cidianos.

Mas, antes de entrar na apreciação da adaptação ao português do poema épico em três cantos, anónimo, sobre os feitos heróicos de Rodrigo Díaz de Vivar, «el Cid Campeador», parece-nos bem transcrever a dedicatória de Lopes Vieira, pelo que representa de respeito pela Mestra insigne, directora desse monumento de erudição cultural portuguesa que é a revista LVSITANIA, de que Lopes Vieira foi um dos redactores-fundadores, e onde foi publicada na íntegra a versão e adaptação em prosa do CID:

À memória  
de D. Carolina  
Michaëlis de Vasconcellos,  
espírito sapientíssimo  
e  
gentilíssima alma,  
cujo labor forte e formoso  
segurou, dilatou  
o património lusíada:  
em penhor de gratidão  
indelével,  
por lembrança de afecto  
e saudade,  
o CID PORTUGUÊS  
é consagrado.

O *Poema de Mio Cid* é contemporâneo da lírica galaico-portuguesa e, assim, como acentua Menéndez Pidal, Castela com a épica do *Cid*, Portugal nascente com os cantares trovadorescos, contribuíam, par a par, para a grandeza cultural da Hispânia. Esta é uma razão fundamental para que Lopes Vieira, enamorado da Idade Média, desse a conhecer aos seus contemporâneos um texto muito importante que tem a primazia nas literaturas peninsulares. Tanto mais que o herói, celebrado no Poema, recebeu as armas na Sé de Coimbra e, como lembra Menéndez Pidal, mestre de filólogos portugueses e espanhóis, «Hubo en tiempos del héroe un magnate portugués, Martín Muñoz, conde de Coimbra, gobernador de Montemayor y Arouca, que siendo desposeído de su condado en beneficio del yerno del rey Alfonso de León, marchó a Valencia para guerrear en la hueste del Cid. Y conforme con esta realidad histórica, “Martín Muñoz, el que mandó a Montemayor”, es nombrado por el poema al lado del héroe, tanto en las batallas, como en los viajes y en las cortes.»

E porque, ao lado do Cid, combateram cavaleiros de Aragão e Portugal, o Poema não é tão-só castelhano, mas antes hispânico, a solicitar uma versão portuguesa quando já existiam traduções francesas, italianas, alemãs, suecas. Mas, quem enfrentaria em Portugal tal dificuldade? Alguém que «después de haber esmaltado la lengua portuguesa con tantos temas viejos traídos a la sensibilidad moderna, emprendió la difícil tarea de traducir el *Poema del Cid*.» Esse Alguém foi Afonso Lopes Vieira, e fê-lo com tal felicidade, elegância e fluidez que ultrapassou em tudo – salvo algumas pequenas liberdades que teve de usar – a grande dificuldade de pôr em português uma gesta medieval. Trabalho que entusiasmou de tal forma o exigentíssimo D. Ramón Menéndez Pidal, que, ao terminar o seu «prólogo» à versão de Vieira, se serviu de uma exclamação famosa e exuberante do desterrado Rodrigo Díaz de Vivar: «Albricias, Alvar Fáñez, ca echados somos de tierra.»

Um parágrafo apenas para apreciarmos a pureza da versão de Vieira, de acordo com o texto fixado por Alfonso Reyes:

E priso el Çid en esta batalla al conde don Garçia Ordóñez e mesóle una pieça de la barba... e a otros cavalleros muchos, e tanta de la otra gente que non avie cuenta; e tóvolos el Çid presos tres días, desí quitólos a todos. Quando él los ovo presos, mandó a los suyos coger los averes e las riquezas que fincavam en el campo, desí tornósse el Çid con toda su compañía e con todas sus riquezas para Almutamiz rey de Sevilla, e dió a él e a todos sus moros quanto quisieron tomar. E de allí adelante llamaron moros e cristianos a este Ruy Díaz de Bivar el Çid Campeador, que quiere dezir batallador.

Versão de Lopes Vieira:

Prendeu Rui Dias ao conde D. Garcia Ordóñez e arrancou-lhe um punhado das barbas, assim como prendeu a muitos cavaleiros e a tanta outra gente que não tinha conto; e depois

que os houve presos três dias, a todos mandou soltar. Enquanto àqueles guardava cativos, ordenou aos seus que recolhessem quantos haveres e riquezas haviam ficado no campo, e de aí tornou-se com a hoste e o despojo para Almutaniz (*sic*), rei de Sevilha, a quem deu, assim como a esses mouros, quanto reconheceram de seu deles, e ainda do mais que quiseram tomar.

De ali em diante chamaram mouros e cristãos a este Rui Dias de Bivar – o *Cid Campeador*.

Outro exemplo do idealismo medievo de Afonso Lopes de Vieira é *O Romance de Amadis*, reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras (séc. XIII-XIV), este prefaciado por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos que, depois de dissertar com a maior proficiência acerca de um texto, sem dúvida de um autor português na primeira redacção – ainda que o texto mais antigo que se conhece seja uma versão castelhana –, concluiu o estudo prefacial com estas palavras de ouro:

«Bem haja pelo serviço que prestou às Letras pátrias.  
Oxalá a Nação e o estrangeiro lho agradeçam como merece.»

Uma referência ao *Amadis* de Vieira, dedicado pelo Poeta a seu Pai: «Do pouco que tenho feito, creio que é isto o melhor: eis porque o ofereço a quem, por sua ternura, de longe preparou as possibilidades de eu o fazer», faz lembrar as palavras com que Menéndez y Pelayo qualificou o texto medieval: «O autor do *Amadis* fez alguma coisa mais que um livro de cavalaria à imitação dos poemas do ciclo bretão: escreveu a primeira novela idealista moderna e a epopeia da fidelidade amorosa, o código da honra e da cortesia, que disciplinou muitas gerações.»

Ouçamos Lopes Vieira nas primeiras palavras do seu romance, novela, história, livro ou conto (mais tarde reduzido a *O Conto de Amadis de Portugal para os rapazes portugueses*, que bem poderia ser de leitura obrigatória nas primeiras idades escolares):

«Senhores, ouvide o Romance de Amadis, o *Namorado*. Escreveu-o um velho trovador português, mas depois um castelhano, trocando-lhe a língua e o jeito, da terra lusa o levou. Porém as mais nobres mentes de Espanha já por nosso o dão.

Em Portugal tem a segunda pátria o espírito heróico e amoroso da Távola Redonda.  
E o conto é de amor fino e fiel, de português amor, rendido como ele é só.

Ao começar o Romance, invoco a memória do cavaleiro-poeta que o compôs para que me alumie. Invoco a alma de Portugal que aprendeu com Amadis a ser gentil e forte e a prezar a flor da Honra.

E vós que amais com amor heróico e fiel, que amais o amor, ouvide a história como eu a senti.»

Creio que as páginas que deixo seriam suficientes para justificar o título que dei a este meu trabalho. Mas, não podendo ocupar-me, como era meu desejo, de toda a obra de Lopes Vieira de temática medieval, penso, contudo, que há dois livros que não dispensam uma referência especial: *A Paixão de Pedro o Cru* e *A Diana de Jorge de Montemor*.

Do argumento do primeiro, logo nos esclarecem as primeiras páginas:

«Senhores, quero contar como o requer tal tragédia (sei que é vão o desejo) a Paixão de um homem que muito sofreu porque muito amou e, sobretudo, porque muito errou.

Mas conheceu o tamanho dos seus erros porque o cargo de Rei abriu-lhe os olhos.

Por fim devia ter afirmado:

Tinha razão meu pai!

É a história de Dom Pedro de Portugal, que foi tão amado Rei nosso, e que, por má fortuna, veio a conhecer, quando era infante, aquela mulher bem-amada que serviu de formoso e danado instrumento de traição.

Tais erros do infante o mesmo Rei os pagou duramente a vida inteira.

Por isso buscou com tanta ânsia resgatá-los, jogando heroicamente a própria alma ao jurar falso a Deus, erguendo depois tão soberbo e piedoso monumento à mentira – tudo para que o Reino não viesse a ficar ao desamparo até cair nas garras de Castela!

Na mais misteriosa edícula da Rosácea falante do seu túmulo a figura de um monstro dilacera-o e, debaixo do monstro dilacerante, Dom Pedro e *Ela* jazem prostrados em agonia.

Foi desse quadro de pedra que este livro nasceu.

É a dor, o remorso e a morte do amoroso – a Paixão de Pedro o Cru.»

Não se poderia dizer melhor, e tudo, em tão breves palavras. Ao longo do livro decorre toda a história, nas mais íntimas minudências, da vida do infante D. Pedro, desde o dia em que, como corria nas bocas das mulheres, o infante começou a olhar de mais para Dona Inês Peres de Castro, dama de singular formosura, donzela de companhia da infanta Dona Constança Manuel. *Colo de Garça* lhe chamavam por alcunha, e logo por aí se imaginava quão esbelta seria. Com a sua presença na Corte tudo mudara, e o infante D. Pedro, com os seus vinte e cinco anos, sentia bem quanta razão assistiu a seu Avô neste cantar de amor:

... o mui namorado  
Tristão sei bem que não amou Iseu  
Quanto eu vos amo...

Mas tudo conduz, primeiro ao desterro, depois à morte de Inês. «Senhor, se Inês Peres vive, Portugal morre!», palavras postas na boca de Pêro Coelho, no Conselho reunido em Montemor, e, por fim, as palavras fatais do Monarca: «Dona Inês será degolada pelo carrasco das minhas justiças.»

Não é caso para pensar se Lopes Vieira curou de apurar toda a verdade deste processo histórico; é, sim, de reconhecer, que a tragédia de Inês de Castro deu lugar a um livro que, tal como o drama que o motivou, «que do sepulcro os homens desenterra», emocionou Portugal inteiro.

Como cólofon d' *A Paixão de Pedro o Cru* oferece-nos um artístico e fiel desenho da famigerada inscrição do túmulo de D. Pedro, em Alcobaça, que depois de ser correctamente lida e interpretada pelo Doutor António de Vasconcelos, em 1928, na sua excelente monografia *Inês de Castro: «Aqui espero a fim do mundo»* – sem que cause qualquer embaraço o género feminino do substantivo *fim* –, continua ainda hoje a ser lida e interpretada por muitos com erros flagrantes: «Ate a fim do mundo». Não se torna necessário repetir aqui, porque já o dissemos em outra oportunidade, as razões de ordem epigráfica, artística e linguística que levam a rejeitar a leitura errada que circula.

Diremos, por último, uma palavra acerca d' *A Diana de Jorge de Montemor*, em português por Afonso Lopes Vieira. Logo a «dedicatória» é admirável: «Aos campos do Mondego sagrados de poesia, berço da pastoral, nos quais se abriu o génio de Camões e onde nasceu Jorge de Montemor, é consagrada a ressurreição da *Diana*.»

Poderá, à primeira vista, estranhar-se que estas páginas, dedicadas a um medievalista, se ocupem também de um autor e de um texto quinhentistas. A razão é esta: a *Diana* é uma sequência do *Amadis* com o qual constitui um díptico, e a matéria, sendo outra, o espírito é o mesmo. Sireno na *Diana* é o Amadis dos pastores. Os elementos líricos, nativos, viventes desde os Cancioneiros, percorrem a Hispânia medieva, desabrochando em frutos de raro sabor. Talvez devesse optar por outros livros de Vieira: *Santo António. Jornada do Centenário*, folhas de viagem enviadas ao *Diário de Notícias* e redigidas com base na *Legenda prima*, «o documento essencial da Vida de Santo António»; ou então, *Inês de Castro na Poesia e na Lenda*, que é o desenvolvimento de uma conferência pronunciada no claustro do Mosteiro de Alcobaça, seguido do fascinante soneto dos túmulos, dito ali pelo actor Augusto Rosa, como glosa da rubrica ATÉ AO FIM DO MUNDO (leitura errada da inscrição do túmulo de D. Pedro, como já dissemos, mas que nem por isso retira beleza poética ao soneto que bem podia designar-se «da Saudade»).

Tal o *Amadis* foi a *Diana* um de aqueles breviários que tocaram e moveram o coração dos europeus, diria Lopes Vieira. O grande Cervantes considerava-os «dois magos livros», um na Cavalaria, outro na Pastoral, ambos produto do génio português na Hispânia. Lope de Vega, por sua vez, deixou este díptico imortal:

*Monte Mayor con su Diana  
Ennoblecíó la lengua castellana.*

Sobre a fortuna europeia da *Diana*, e muito mais, como o lusismo nunca desmentido de Jorge de Montemor, percorra o leitor o substancioso «prefácio» que Lopes Vieira faz preceder à transposição espiritual do texto castelhano, «condensando-lhe a alma muito mais que vertendo as palavras em que ela se exprimia». Objectivo plenamente conseguido, uma coluna mais, sustentáculo desse templo admirável onde se conservam para sempre as obras-primas dos autores portugueses dignos deste nome.

Quanto mais deveria eu mencionar? Mas o tempo e o espaço impõem limites implacáveis. Pesa-me não ter falado das «Demandas do Graal» ou da «Vida de Santo António» ou dos poemas de índole medieval, às dezenas na sua vasta obra em verso. Resta-me a consolação de ter evocado um arauto da cultura medieval portuguesa, em louvor de um Mestre do Medievalismo português: Humberto Baquero Moreno.

Termino, com a esperança de que Afonso Lopes Vieira, «preceptor seguro da sensibilidade portuguesa», diria António Sardinha, seja mais lido por quem deseje desenvolver em si o gosto da pureza da Língua. Vamos mais longe: por todos aqueles para quem «Portuguesismo ou arte de amar Portugal» não são palavras vãs; antes signifiquem devoção aos valores essenciais da história, da literatura, da arte, dos «barões assinalados», da alma do povo, enfim, de tudo quanto eleva o espírito da Pátria.